

A PRESENÇA MILITAR BRITÂNICA NA ILHA TERCEIRA

A CHEGADA

Em 8 de outubro de 1943, no auge da guerra submarina, um contingente de tropas e material, transportado em quatro dezenas de navios mercantes, enquadrados por um porta-aviões, um cruzador, fragatas e contratorpedeiros (*destroyers*), desembarcou do Cais das Pipas do Porto de Angra do Heroísmo, sendo tudo transportado em camionetas de carga britânicas auxiliadas por camionetas portuguesas, para o lugar da Nasce Água e Lameirinho. O contingente britânico montou o seu quartel general no Castelhinho - Castelo de São Sebastião.



Desembarque do contingente britânico no Porto das Pipas - 8 de outubro de 1943

Ano 50. Angra-do-Heroísmo, Quarta-feira, 13 de Outubro de 1943 N.º 13,835

Director e Editor,
Miguel Cardoso do Couto
Proprietário
Fernando Joaquim da Silveira
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
1.ª - Rua do Infante D. Henrique - 21
Tipografia - União Gráfica Repressa -
Telefone, N.º 125

A UNIÃO

DIÁRIO DA TARDE

Fundador - VIEIRA MENDES

NOTA OFICIOSA

COM BASE NA SECULAR ALIANÇA LUSO-BRITÂNICA

Portugal concedeu à Grã-Bretanha facilidades nos Açores

LISBOA, 12—A Presidência do Conselho forneceu hoje a seguinte Nota Oficial:

De acordo com o Governo português, o governo de Sua Magestade Britânica fez hoje à Câmara das Comuns a seguinte declaração:

«Ao deliberação a guerra, o Governo português, de acordo com o governo de Sua Magestade Britânica, adoptou uma política de estrita neutralidade, com o fim de evitar que ela se propagasse à península ibérica. Ao definir a sua posição, o Governo português declarou, no entanto, com frequência e a última vez no discurso do Sr. Dr. Oliveira Salazar, de 27 de abril, que esta política não é, de modo algum, incompatível com a aliança luso-britânica, o que foi referendado pelo Governo português logo nos primeiros dias da guerra.

O Governo de Sua Magestade Britânica, baseando-se nesta antiga aliança, pediu ao Governo português que lhe concedesse facilidades nos Açores, que o habilitassem a melhor proteger a navegação no Atlântico.

O Governo português concordou em satisfazer este pedido e negociaram-se acordos que entraram imediatamente em vigor e regem o uso das facilidades concedidas.

Por estes acordos, o Governo português concede ao Governo de Sua Magestade Britânica bases nos Açores. O Governo britânico concede ao Governo português auxílio em material e outros fornecimentos indispensáveis para o exército português e para a manutenção da economia nacional.

O acordo relativo ao uso de facilidades nos Açores é de natureza puramente temporária e de modo nenhum prejudica a soberania do Governo português sobre o território português.

Todas as forças britânicas serão retiradas dos Açores no fim das hostilidades.

Nada neste acordo afecta o desejo do Governo português — o qual o Governo de Sua Magestade Britânica declara corresponder aos seus próprios sentimentos — de continuar a manter no território do continente completa neutralidade e por esta forma conservar uma zona de paz na península ibérica.

Na opinião do governo de Sua Magestade, este acordo dá novo vigor à aliança luso-britânica, que há tanto tempo existe com mútuo interesse, dá nova prova da amizade anglo-portuguesa e fornece uma garantia adicional para o desenvolvimento desta amizade no futuro.

Ao dar conhecimento ao país dos factos contidos nesta declaração, o Governo português acrescenta que, sempre que houve necessidade de expor a política internacional portuguesa e ao definir se a posição de neutralidade assumida pelo país no começo da guerra, se reiterou a afirmação de que, embora sinceramente resolvido a manter a essa neutralidade, na latitude da sua execução, ficava condicionada ao eventual funcionamento da aliança luso-britânica.

Tendo-se salvaguardado desde o primeiro momento as obrigações assumidas pelo tratado

de amizade e não agressão e protocolo adicional assinados com a Espanha e uma das bases da nossa política externa, pôde verificar-se que a política portuguesa era não só respeitada mas vista com simpatia pelo governo britânico cuja política de guerra se entende de se não interferir com uma zona de paz na península ibérica.

O Governo português deu já à Espanha completas explicações acerca desta modalidade da aliança anglo-lusa. O embaixador do governo britânico poderá confirmar todas as declarações feitas.

O acordo que entra agora em vigor é uma nova prova da amizade existente entre Portugal e a Grã Bretanha e uma garantia de maior estreitamento no futuro.—E. N.

Troca de telegramas entre os Srs. Dr. Oliveira Salazar e António Eden

LISBOA, 12—O secretário de Estado António Eden enviou ao Sr. Dr. Oliveira Salazar, Ministro dos Negócios Estrangeiros, o seguinte telegrama:

«Peço a Vossa Excelência que aceite os meus melhores votos no momento de entrar em vigor o acordo entre o Governo português e o governo do Reino Unido. Estou convencido de que as facilidades concedidas pelo Governo português muito contribuirão para a defesa efectiva da nossa navegação, se tornarem assim importante factor para o encurtamento da guerra e darão novo vigor à antiga aliança luso-britânica.

O Sr. Dr. Oliveira Salazar respondeu com o seguinte telegrama:

«Agradeço a V. Ex.ª a sua amável mensagem por ocasião de se efectivarem nos Açores as facilidades concedidas a forças britânicas, em virtude do acordo a que chegaram os governos português e britânico, baseado na aliança existente entre os dois países. Espero, como V. Ex.ª, que as facilidades concedidas por Portugal à sua aliada realizem o objectivo de uma maior segurança no Atlântico e robusteam essa aliança secular.—E. N.

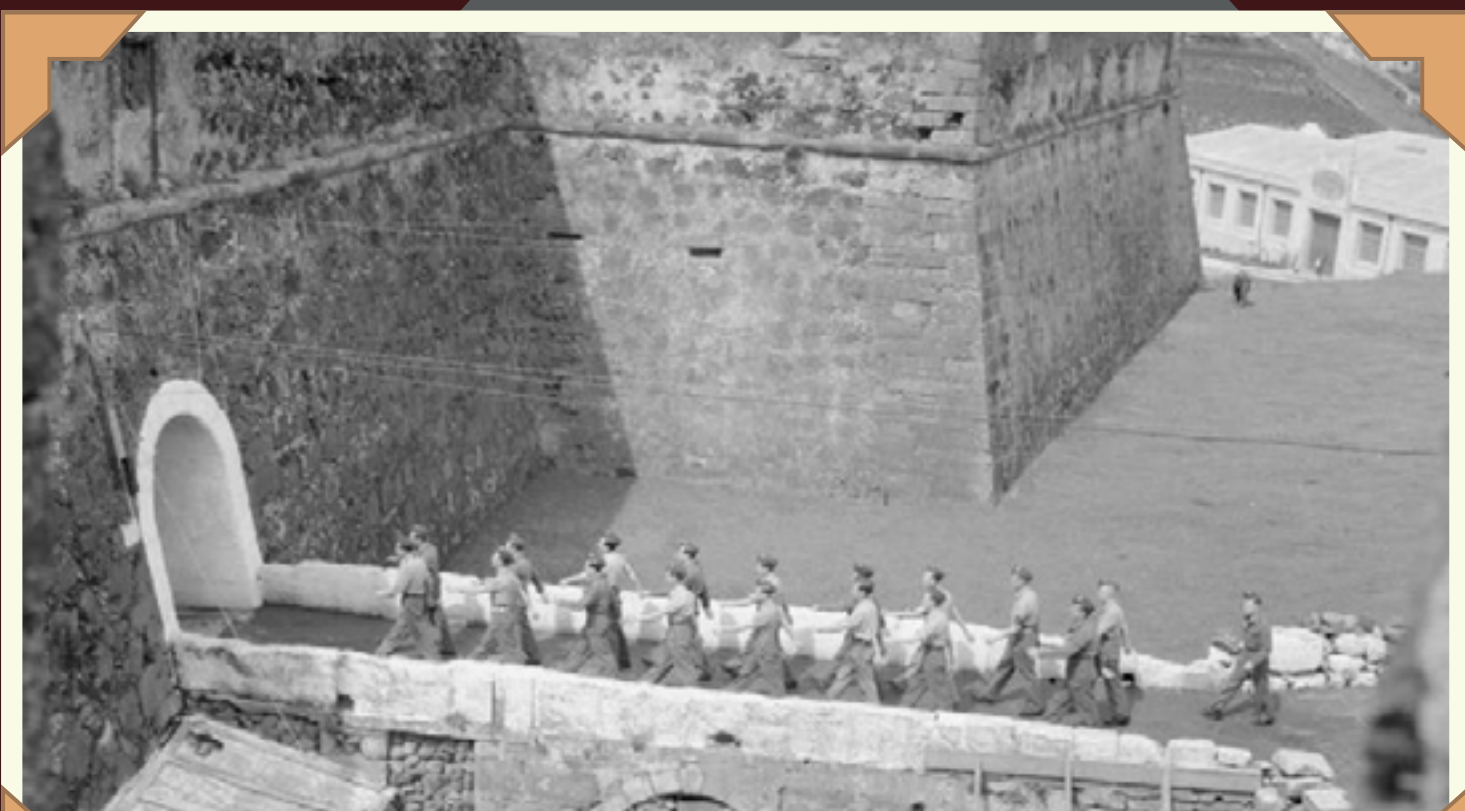
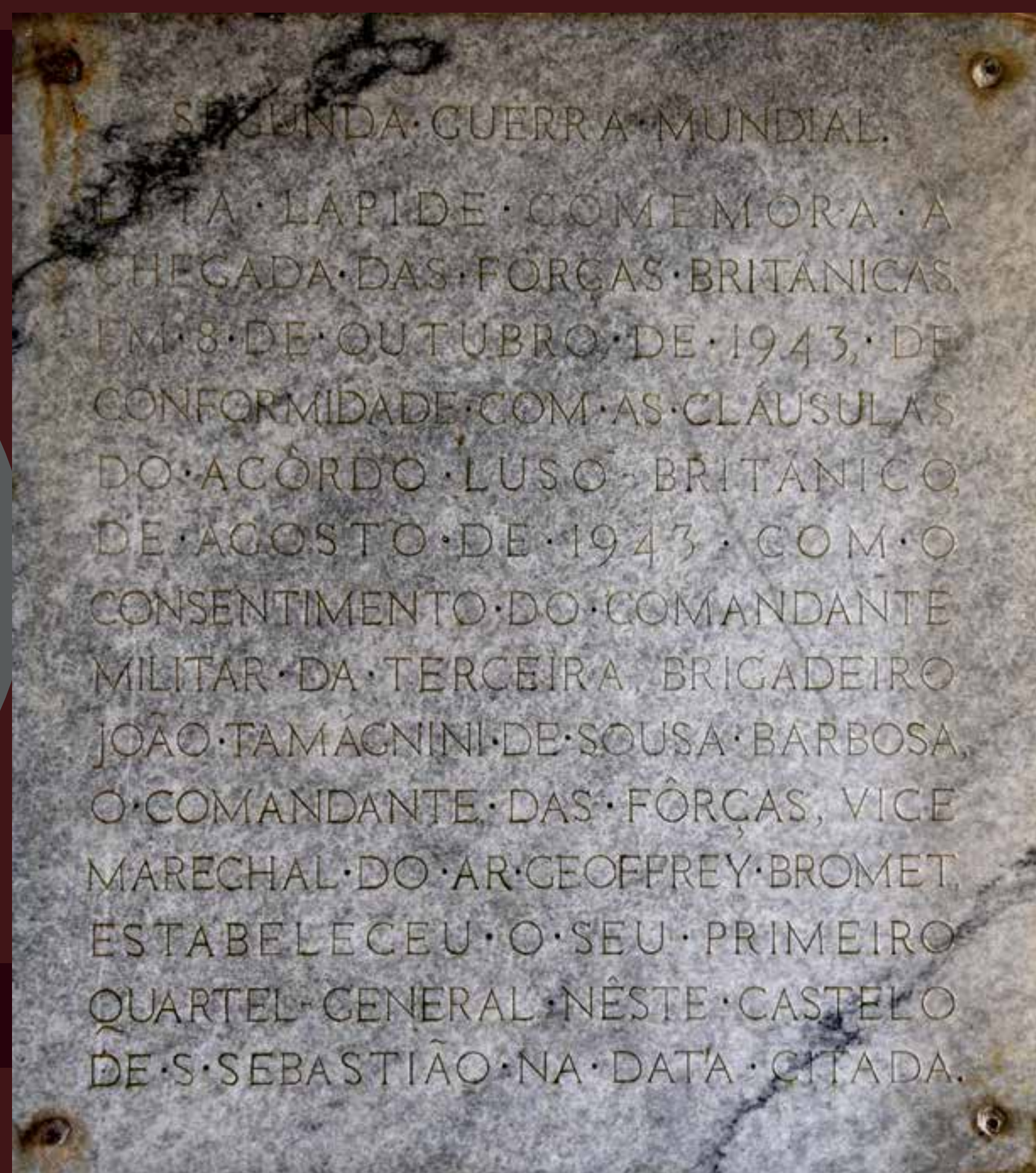
A declaração de Churchill

LISBOA, 12—Um telegrama de Londres relata que, ao fazer à Câmara dos Comuns a declaração sobre o acordo firmado entre os governos português e britânico, Winston Churchill referiu-se à aliança luso-britânica que data de 1373 e foi renovada e reforçada por vários tratados, no decurso de seis séculos, e afirmou que essa aliança não tem paralelo na história do mundo.

Churchill salientou, por fim, a lealdade sempre usada pelo Governo português com a sua aliada.—E. N.



Acampamento britânico no Castelo de São Sebastião - 1943



Aviadores da unidade de embarque n.º 84 da R. A. F. em marcha sobre a ponte do Castelo de São Sebastião - 1943

«Ao abrigo da velha aliança luso-britânica, e após concessão de facilidades ao Reino Unido na ilha, no contexto da II Grande Guerra, na madrugada de 8 de outubro de 1943, desembarcou em Angra, no Porto das Pipas, tropas de engenharia e material de construção da Royal Air Force, constituindo o 247.º grupo da R. A. F. que integra também unidades da marinha e do exército, perfazendo uma força de cerca de 3000 militares. O contingente britânico era comandado pelo vice-marechal-do-ar sir Geoffrey Brommett e foi recebido na Terceira pelo brigadeiro Tamagnini Barbosa, que fora recentemente nomeado comandante militar da Terceira. Só em 12 de outubro, Churchill anunciou no parlamento as facilidades concedidas na Terceira pelo governo português.»

Adaptação do texto de Manuel de Sousa Menezes «A Defesa dos Açores no Período da 2ª Guerra Mundial (1939-1945)»

•

A PRESENÇA MILITAR BRITÂNICA NA ILHA TERCEIRA

•

• A CONSTRUÇÃO DA PISTA •

«A pseudopista de terra batida foi reforçada com placas metálicas a fim de poder suportar os aviões mais pesados. Nos fins de outubro, operavam nas Lages os primeiros aviões da R. A. F., incluindo 30 B-17 e 9 Hudsons. A partir deste forte ponto de apoio aéreo no Atlântico, e em estreita colaboração com a marinha, o Reino Unido conseguiu inverter prontamente, a seu favor, o domínio das rotas do Atlântico libertando-as das matilhas de submarinos alemães, que as infestavam e que causavam pesadas perdas na sua linha de reabastecimento marítimo vindo dos Estados Unidos da América.»

Adaptação do texto de Manuel de Sousa Menezes «A Defesa dos Açores no Período da 2.ª Guerra Mundial (1939-1945)»



Ano 53.º

Angra-do-Heroísmo, Sábado, 12 de Janeiro de 1946

N.º 15.101

Director e Editor,
Manuel Cardoso do Couto

Proprietário
Fernando Joaquim da Silveira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua do Infante D. Henrique—21
Telefone N.º 123

A UNIÃO

DIÁRIO DA TARDE

O aeroporto das Lages

É UM DOS MAIORES do MUNDO

Segundo informou a BBC em uma emissão das últimas noites, foi agora inaugurado, nos arredores da cidade de Londres, um grande aeródromo, que ficando o principal centro do movimento da navegação aérea, não só das linhas internas, como também das transoceânicas inglesas.

Segundo a mesma informação, a pista principal tem o comprimento de 3000 metros, as duas subsidiárias 2000 metros cada uma, com 100 metros de largura e podendo suportar a aterragem de aviões com o peso de 180 toneladas.

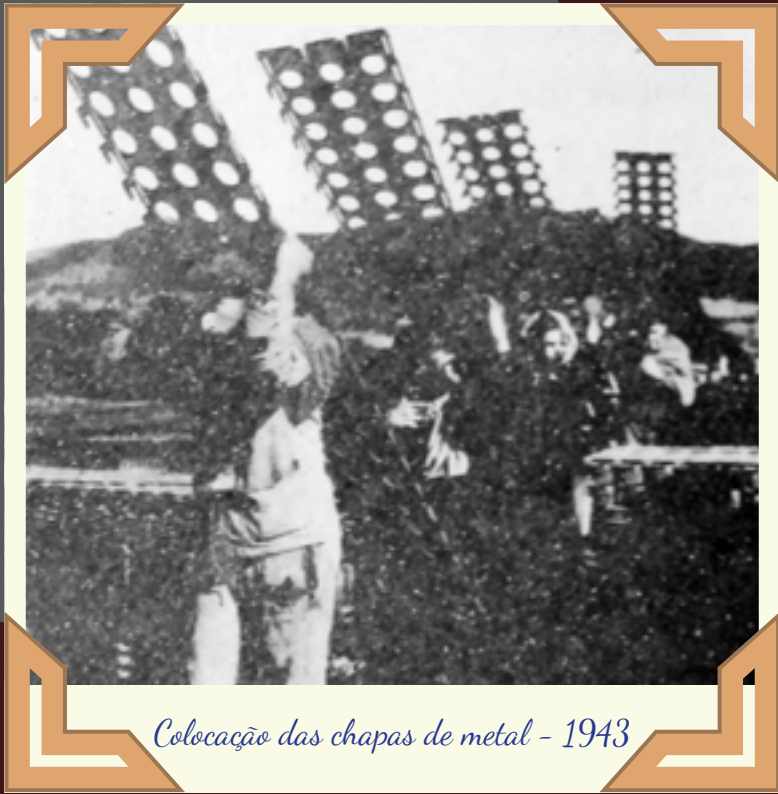
Para avaliar as proporções do Campo de Aviação das Lages, desta Ilha, basta dizer que a sua pista principal tem 3.500 metros de comprimento, ou sejam mais 500 do que a de Londres e que as suas duas pistas secundárias têm, como as daquele, 2000 metros de comprimento, sabendo-se que todas foram construídas também para suportar aviões dos maiores, actualmente em serviço.

Assim se confirma que o Aeroporto das Lages, desta Ilha, é um dos maiores existentes no mundo.

Damos a seguir alguns dados sobre os dois aeroportos açorianos:

Aeroporto das Lages (Terceira)	
Número de pistas	3
Pista principal (pés)	10 600 × 200
1 pista secundária (pés)	6.100 × 150
1 " " "	6 000 × 150
Entradas	8

Aeroporto de Santa Maria	
Número de pistas	3
Pista principal (pés)	8 000 × 200
1 pista secundária (pés)	4 650 × 150
1 " " "	4.500 × 150
Entradas	4



A PRESENÇA MILITAR BRITÂNICA NA ILHA TERCEIRA

O MOVIMENTO MILITAR



Aviões dos aliados estacionados nas Lajes - entre 17 de julho e 9 de agosto de 1944



Comemoração da 1ª aniversário da deslocação britânica. Evento desportivo entre as tropas aliadas e as portuguesas no campo de jogos de Angra do Heroísmo. Na imagem, em destaque, da esquerda para a direita, Valério Júnior, governador interino, e general Álvaro Teixeira de Passa, comandante militar da Terceira - 8 de outubro de 1944

1944

Agenda de Notícias, Quarta-feira, 12 de Fevereiro de 1944

N.º 17.455

ANÚNCIO

DIÁRIO DA TARDE

Aterraram, em dois anos,
NO AEROPORTO
DAS LAGES
vinte e um mil aviões!

LISBOA, 12—Um telegrama de Angra do Heroísmo informa ter causado extraordinário interesse na Ilha Terceira a notícia dada pelo «New York Times», de que o Presidente Roosevelt sugerira uma das ilhas dos Açores para sede do organismo das Nações Unidas.

Conjectura-se que Roosevelt pensava precisamente na Ilha Terceira que possui o maior aeroporto do Atlântico, cujas pistas medem 3.600 metros e onde já começaram as instalações definitivas das carreiras aéreas transatlânticas da aviação comercial.

O aeroporto das Lages é uma verdadeira encruzilhada do mundo, pois só em dois anos ali aterraram 21.000 aviões.—EN.



Prova de atletismo entre militares nas comemorações da 1ª aniversário da deslocação britânica - 8 de outubro de 1944

1944

Segunda-feira

9

Outubro de 1944

A PÁTRIA

JORNAL DA MANHÃ DE GRANDE INFORMAÇÃO

Um ano de actividade militar britânica nos AÇORES

A solidariedade da Aliança Anglo-Portuguesa demonstrada por actos irrefragáveis de auxílio e cooperação

O êxito da campanha contra os submarinos E O ESTABELECIMENTO DA GRANDE Base Aérea da Terceira

O primeiro ano de actividade das Forças Britânicas nos Açores, que se completou, ontem 8 de Outubro, não só marca a existência de uma vasta área do Atlântico Central bem defendida contra a ameaça dos submarinos e de uma base aérea superiormente aparelhada para todos os requisitos militares, mas demonstra a completa solidariedade da antiga Aliança com Portugal — o mais velho Aliado da Grã-Bretanha.

Em doze meses de operações das Forças Britânicas nos Açores, as Portuguesas, como disse Mr. Churchill na Câmara dos Comuns há um ano, provaram ser amigas fiéis e dedicadas.

A concessão de facilidades nos Açores ao Governo Britânico, em 1943, permitiu aos aviões de longo raio de acção do Comando Costeiro aportar ainda mais o êxito aos submarinos no Atlântico numa das fases mais críticas da guerra, quando a grande ofensiva contra a Europa ocupada estava sendo preparada com toda a energia e o inimigo se mantinha alerta para interceptar a navegação aliada.

Nos passados doze meses, em que os Aliados desferiram os seus mais duros e decisivos golpes contra o inimigo em terra e bem significativo, que na área dos Açores os navios aliados tenham seguido as suas rotas para a Europa e para o Mediterrâneo virtualmente inculmes, ao passo que os submarinos eram perseguidos, atacados e metidos no fundo.

Golpes certos contra os submarinos.

As Forças Britânicas que aportaram à Terceira, há um ano, estiveram sujeitas a muitos dos rigores que esperam uma força de desembarque. Tiveram de lutar contra temporais próprios da quadra de inverno no Médio-Atlântico e viram-se obrigadas a utilizar barcaças de fundo chato e um porto de acanhadas dimensões para descarregar, toneladas por tonelada, secção por secção, todo o equipamento, todos os abastecimentos necessários para o estabelecimento da sua base aérea.

Foi na essência um trabalho de pioneiros. Primeiro houve que tratar da tarefa: o conforto do pessoal só havia de ser olhado mais tarde. Mas foi tal o esforço nas primeiras semanas do desembarque, que menos de um mês após a chegada aos Açores, o primeiro submarino era metido no fundo. Seguiu-se depois um assalto ao inimigo, tão vigoroso e intenso por parte da aviação apoiada na base terrestre da ilha Terceira, e que para aqui se deslocou pelo ar, vinda da Inglaterra, que no começo de Dezembro o inimigo estava completamente exotado da área dos Açores, que havia muito ele explorava como livre campo de caça. Dali por diante os submarinos tiveram que abdicar do direito de caçadores e passaram à condição de caçados.

Em fins do ano de 1943 era já evidente que o inimigo tinha chegado à convicção de que o

ferião do Comando Costeiro tinha penetrado fundo no meio do Atlântico e, com outras zonas igualmente bem patrulhadas por outras formações da Real Força Aérea, os submarinos necessitavam, mais do que nunca, de adoptar medidas de precaução, cuidado e vigilância.

Além de tornar o campo de aviação apto à manobra fácil dos aviões de quatro motores, oficiais e praças da aviação britânica ofereceram-se voluntariamente para ajudarem as tropas do Real Corpo de Engenharia a assentar a pista chapada de aço que foi pouco depois inaugurada.

O golpe inicial e bem dirigido da Real Força Aérea nos Açores contra o inimigo partiu assim tanto das tropas de terra como das tripulações dos aviões.

Rigores de um inverno no Atlântico.

Embora os Açores estejam agora a uma distância longínqua da luta armada na Europa, o pessoal das Forças Britânicas teve de suportar rigores e desconforto quando trabalhava para estabelecer a sua base em pleno inverno atlântico. Pels forças das circunstâncias a essa teve de viver em tendas até que foi possível construir barracas já em plena primavera.

Para os açoreanos, bem abrigados pelas suas casas de pedra que tem resistido pelos séculos fora aos duros rigores do inverno, parecia loucura fazer face ao frio, ao vento e à chuva em tendas de lona, mesmo por necessidade. Mas as Forças Britânicas suportaram tudo isso com bom humor em vez de murmurações, mesmo quando uma ou outra vez, o vento levava as tendas e deixava os seus ocupantes agarrados às próprias camas, no meio do temporal.

Nestes meses de vento e chuva, névoas e frio, a responsabilidade dos meteorologistas, em cujas previsões de um tão caprichoso tempo repousavam as operações aéreas, foi uma prova dura de resistência mental. Foi um duelo continuo entre as previsões e o tempo — tempo que nas circunstâncias mais anormais e insólitas envolvia inopinadamente uma ilha após outra, em nuvens e cerração, com risco das tripulações que as vezes se encontravam a muitos centos de milhas da base.

Desenvolvimento da base aérea.

Era óbvio que para manter operações nos Açores contra os submarinos e ao mesmo tempo atender ao tráfico de um avultado número de aviões de passagem, eram necessárias grandes facilidades. Bem depressa, em resultado do colossal desenvolvimento de actividade dispensado pelos Aliados em homens e material, toda a face do terreno da base aérea se transformou de pacífica paisagem pastoril, com parcosos lavandeiros arando os campos com suas juntas de bois, num grandioso aeródromo, dispondo de todos os recursos, apto a largar ou recolher os mais potentes aviões.

Foi no meio de um período de grande actividade que uma tempestade atlântica arrempeçou sobre os Açores com tal fúria, que tiveram de trazer-se poderosos tractores à pressa para abrir ca-

BASE AEREA A TERCEIRA

mais para esgar a água que em centenas de milhares de galões se acumulava no campo e ameaçava interromper por algum tempo as operações. A força do temporal que caiu sobre a ilha foi tal que o vento atingiu 75 milhas por hora e numa ocasião caíram duas polegadas de chuva no espaço de oito horas.

Serviço de reabastecimentos.

O melhoramento das condições de desembarque e descarga dos reabastecimentos muito necessários para a manutenção das tropas na ilha foi ainda outra tarefa que houve de executar-se durante este ano.

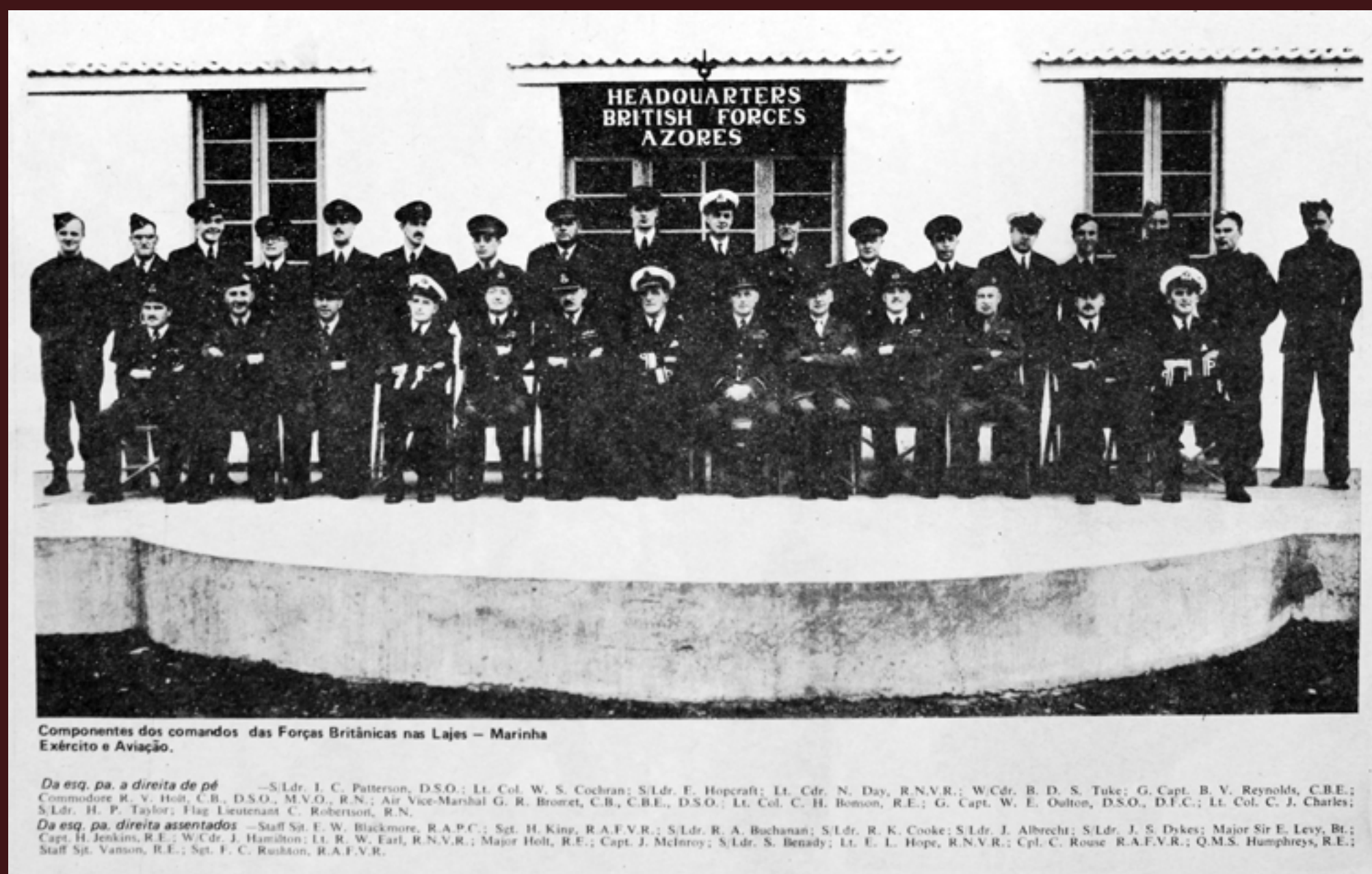
Na falta de portos de abrigo e com calhaus e rochas vulcânicas, perigosas, por toda a parte, um pequeno porto de pesca numa das baías foi transformado numa base de regulares de munições, capaz de acomodar as barcaças que faziam a descarga dos navios e se deslocavam constantemente entre estes e o cais.

Sob o ponto de vista naval, e como obra de engenharia, este empreendimento foi um perfeito êxito pois permitiu que os abastecimentos fossem descarregados rapidamente para a Base Britânica, em metade do tempo que antes se precisava, e deixou ao mesmo tempo livre para as necessidades do comércio marítimo da ilha o cais que dantes havia sido utilizado. O êxito das Forças Aliadas, ao construírem esta base temporária com calhaus e pedregulhos, arrostando com os ventos, marés e vagas do Atlântico, só se obteve à custa da perseverança dos homens que ali trabalharam noite e dia para conseguirem o seu fim. Cabe-lhes um bom quinhão na organização das facilidades necessárias para manter a actividade desta base Atlântica na luta contra os submarinos e no rápido despacho dos aparelhos que ali vem de passagem.

Relações com a população.

O futebol não morrerá enquanto houver um inglês que tenha força para dar um pontapé numa bola. Nos Açores o entusiasmo, por este desporto é também bastante grande. Além dos jogos a nível de seções das Forças Britânicas, tem-se realizado partidas com grupos portugueses, vivos e excelentes exponentes do jogo. E talvez nestas disputas amigáveis no campo do jogo, que se tem criado os melhores entendimentos entre os servidores britânicos e o correspondente elemento da população portuguesa.

Este ano de actividade nos Açores tem sido certamente uma das mais eficazes missões da guerra, na qual cada um se tem esforçado por correspondê-lo tanto quanto possível ao amável contacto da população. Assim e tem fortalecido a Aliança com o mais velho Amigo da Grã-Bretanha, posta a prova em palavras e em actos e mostrando-se sempre firme. Aquelas que servem a Grã-Bretanha tem tido agora uma oportunidade única de experimentar o convívio, dia a dia, com uma nação estranha à sua e isso tem-lhes mostrado quanto valiam o tacto, a diplomacia, e a tolerância para promoverem o bom entendimento no mundo inteiro.



Componentes dos comandos das Forças Britânicas nas Lajes — Marinha, Exército e Aviação.

Da esq. pa. a direita de pd. — S.Ldr. J. C. Patterson, D.S.O.; Lt. Col. W. S. Cochran; S.Ldr. E. Hopcraft; Lt. Cdr. N. Day, R.N.V.R.; W.Cdr. B. D. S. Tate; G. Capt. B. V. Reynolds, C.B.E.; Comandante R. V. Hall, C.B., D.S.O., M.V.O., R.N.; Air Vice-Marshal G. R. Brewer, C.B.E., D.S.O.; Lt. Col. C. H. Bottom, R.E.; G. Capt. W. E. Oulton, D.S.O., D.F.C.; Lt. Col. C. J. Charles; S.Ldr. H. P. Taylor; The Lieutenant C. Robertson, R.N.

Da esq. pa. direita assentados — Staff Sgt. F. W. Blackmore, R.A.P.C.; Sgt. H. King, R.A.F.V.R.; S.Ldr. R. A. Buchanan; S.Ldr. R. K. Cooke; S.Ldr. J. Albrecht; S.Ldr. J. S. Drake; Major Sir E. Levy, B.C.; Capt. H. Jenkins, R.E.; W.Cdr. J. Hamilton; Lt. B. W. Earl, R.N.V.R.; Major Holt, R.E.; Capt. J. McIlroy; S.Ldr. S. Bready; Lt. E. L. Hope, R.N.V.R.; Cpl. C. Rose, R.A.F.V.R.; QMS. Humphreys, R.E.; Staff Sgt. Vernon, R.E.; Sgt. F. C. Rankin, R.A.F.V.R.

A PRESENÇA MILITAR BRITÂNICA NA ILHA TERCEIRA

A IMPRESSÃO DOS ESTRANGEIROS



Carro de combate com soldado nas Lajes - janeiro 1944

Excerto do folheto distribuído aos soldados britânicos que desembarcaram na ilha Terceira, em 8 de outubro de 1943, amavelmente oferecido por um oficial inglês a um oficial do Exército Português.

INTRODUÇÃO

Os portugueses são os nossos mais velhos aliados. Eles orgulham-se disso e, sendo assim, vocês devem mostrar-lhes como também apreciam esta amizade de tão longa data. Tratem-nos sempre como iguais parceiros de uma aliança. A aliança data do dia 16 de junho de 1373. Este pacto assinado em Londres há 570 anos lançou a primeira pedra nas relações luso-britânicas. Eis o que ele diz: «Em primeiro lugar, assentamos e acordamos que desde este dia, de hoje em diante, haverá entre o nosso senhor Eduardo, rei de Inglaterra e França, e o senhor Fernando, rei de Portugal e Algarve [...], verdadeira, fiel, constante, mútua e perpétua amizade, uniões, alianças e ligas de sincera afeição, e que como verdadeiros e fiéis amigos ficarão daqui em diante reciprocamente amigos dos amigos e inimigos dos inimigos, assistirão, manterão e auxiliarão um ao outro mutuamente por mar e por terra contra todos os homens vivos ou mortos [...]».

Que «moto» mais belo poderá haver para a nossa missão do esta frase: «Como verdadeiros e fiéis amigos ficarão daqui em diante reciprocamente amigos dos amigos e inimigos dos inimigos»!

E eis a razão por que através dos anos os portugueses criaram o hábito de nos considerarem os seus mais velhos amigos. Eles pensam de nós como se pertencêssemos a uma categoria à parte de todos os outros estrangeiros. A seguir apresentam-se algumas razões que defendem esta afirmação: os britânicos tiveram um papel importante no desenvolvimento de Portugal e do seu império e tem-lhes pertencido a iniciativa em vários empreendimentos em Portugal. Além disso, nós temos mantido o comércio de vinhos com os portugueses há 700 anos.

Portugal começou a enviar-nos os seus vinhos desde o século XII quando navios portugueses começaram a trazer vinho e levar-lá em troca. Séculos mais tarde, e em consequência de uma viagem de negócios ao Porto, dois jovens escoceses trouxeram com eles uma qualidade de vinho que tinha conservado a sua doçura natural devido a ter-lhe sido acrescentado um pouco da aguardente portuguesa – prática seguida ainda hoje. Este foi o primeiro Porto, genuíno «Porto» como nós o conhecemos hoje, a vir para a Grã-Bretanha. Corria o ano de 1576! A maior parte do comércio do vinho do Porto conserva-se ainda em mãos inglesas.

Lembrem-se acima de tudo de que os portugueses constituem como nós uma grande nação de marinheiros, com uma gloriosa tradição marítima. Eles estiveram entre os pioneiros da exploração marítima. O cabo da Boa Esperança foi vencido por Bartolomeu Dias em 1488. Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia em 1497, e em 1500, Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil. Cristóvão Colombo, apesar de não ser português por nascimento, ficou a dever à sua longa estadia em Portugal a sua educação e instrução na ciência náutica, nas quais os portugueses eram então mestres. Os portugueses, naturalmente, falam bastante acerca destas façanhas e gostarão de notar em cada um de vocês um ouvinte interessado. Os portugueses de hoje são ainda marinheiros por natureza e adaptam-se maravilhosamente no manejo de qualquer tipo de navio. Íntimas ligações navais unem as nossas duas nações e os mais modernos contratorpedeiros de Portugal foram construídos no Reino Unido, ou sob orientação britânica nos estaleiros portugueses. A aliança anglo-lusa foi grandemente fortalecida pelos soldados que, chefiados por sir Arthur Wellesley, mais tarde duque de Wellington, desembarcaram em Portugal em 1808 e derrotaram o general francês Junot. Em 1809, Portugal foi invadido pelos franceses sob o comando do general Soult. Wellesley voltou outra vez e, com a ajuda de dois generais portugueses e respectivas tropas, enfrentou vitoriosamente os franceses. Em 1810, Lisboa foi salva pelas famosas e estratégicas linhas de Torres Vedras, preparada por Wellington. Durante as últimas fases da Guerra Peninsular, a Inglaterra ficou a dever muitíssimo à ajuda prestada a Wellington pelo exército português.

Na Grande Guerra, os portugueses combateram lado a lado com as nossas tropas, em França, e vocês verificarão que eles sentem orgulho ao lembrarem o papel que desempenharam nesse conflito.

COMO SÃO OS PORTUGUESES

Os Portugueses são gente simples. O povo, no sentido literal, é modesto e natural. Encarados como uma raça, eles são por natureza corteses e amáveis. Vocês verificarão que até os operários e os camponeses possuem uma dignidade natural. Mesmo apesar de vocês não saberem a língua portuguesa e poderem ter grandes dificuldades em fazerem-se entender, vocês encontrar-se-ão entre gente que é particularmente prestável a estrangeiros. Os portugueses são muito pacientes. Vocês deverão portanto ser especialmente cuidadosos em evitar mostrarem-lhes impaciência naquilo que julguem ser devido a hábitos excessivamente vagarosos. Lembrem-se de que a educação não está tão espalhada como no nosso país, mas o que lhes pode faltar em instrução sabem os portugueses compensá-lo com uma sagacidade refletida. Uma característica natural comum a todas as classes é uma suave mas enganadora melancolia. Isto nota-se nos acordes bastante tristes da música popular portuguesa tão apreciada pelos camponeses, mas isto não quer dizer que lhes falte o gosto de gracejarem.

Se vocês mostrarem uma disposição amigável, têm meio caminho andado. Evitem, portanto, qualquer aparência de superioridade, lembrem-se de que, apesar de os portugueses serem um povo bondoso, têm as suas susceptibilidades e possuem um orgulho nacional fortemente enraizado. Vocês verificarão que os portugueses reagirão rapidamente à mais ligeira sugestão que lhes seja feita de serem, de algum modo, inferiores a alguém. Pelo que respeita a mulheres, sejam particularmente cuidadosos na vossa atitude para com elas. Os homens são ciumentosos, o código da moral rigoroso, e «mulheres livres» são quase desconhecidas, exceto, talvez, na cidade. As raparigas têm muito menos liberdade na sua conduta do que seria considerado bastante usual em Inglaterra. Nos distritos rurais uma rapariga não sai com um homem, a menos que seja a sua noiva. Mesmo a mais inofensiva conduta da vossa parte levantará suspeita e poderá dar origem a ofensa, ao passo que qualquer coisa que se pareça com «fazer a corte», ou mais ainda, é procurar trabalhos e tê-los.

Não há dúvidas acerca das simpatias pró-britânicas da gente do povo. É esta a vossa oportunidade de cimentar tal sentimento e de não abusar dele. Vocês serão os beneficiários e, ao mesmo tempo, contribuirão para aumentar as boas relações que têm existido, através dos séculos, entre as nossas duas nações.

VOCÊS VÃO A CAMINHO DOS AÇORES

Não como invasores, mas como convidados dos portugueses. Vocês são, de algum modo, os embaixadores da pátria e vão continuar as tradições de uma antiquíssima amizade.

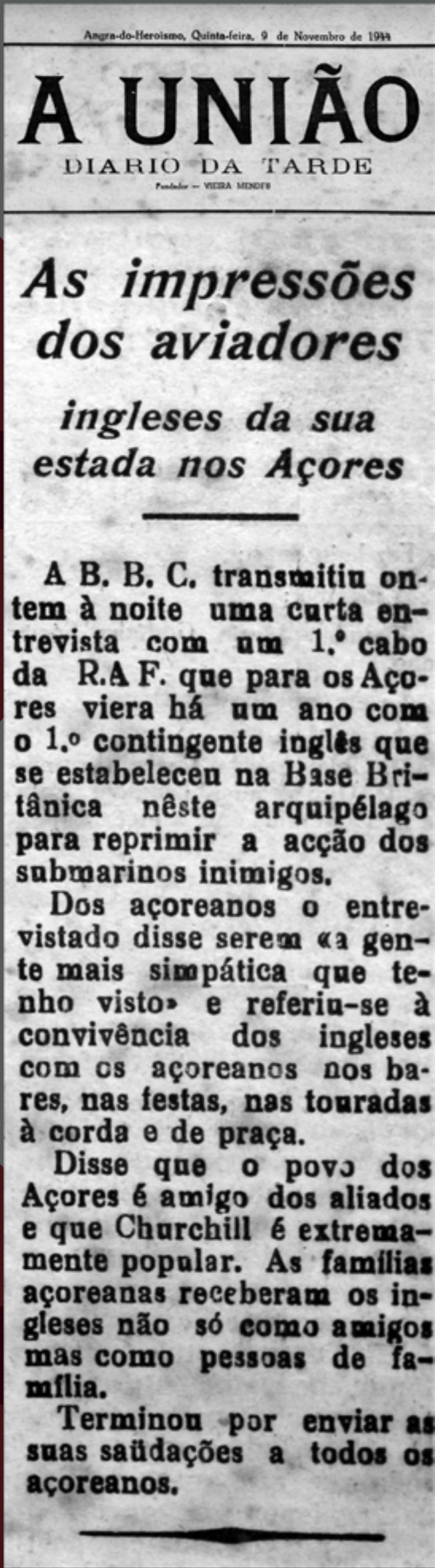
No arquipélago dos Açores, que é considerado parte integrante do Portugal metropolitano, o povo, aliás como o de Portugal continental, tem sido sempre a favor dos britânicos. Vocês vão ser recebidos como amigos e, sendo assim, devem ter especial cuidado em não abusarem dessa qualidade. Os portugueses são gente simples, mas têm o sentido da honra e são sensíveis a tudo o que lhes diga respeito ou ao seu país.

Lembrem-se acima de tudo de que os portugueses são um povo de maneiras delicadas. Vocês devem, portanto, aproveitar todas as oportunidades de mostrarem também a vossa gentileza.

Os portugueses são vagarosos na sua maneira de ser. Sejam pacientes em todas as ocasiões. Lembrem-se de que, nesta parte do mundo, as palavras «fura-vidas» não existem e o tempo não tem importância de maior.

Muito dependerá do vosso comportamento. Sendo cuidadosos com a vossa conduta em geral, vocês não só ajudarão a missão de que foram incumbidos mas também contribuirão para um mais íntimo entendimento entre Portugal e a Grã-Bretanha.

A. H. d'Araújo Stott Howorth «A Aliança Luso-Britânica e a segunda guerra mundial: tentativa de interpretação do seu funcionamento»



A PRESENÇA MILITAR BRITÂNICA NA ILHA TERCEIRA

O IMPACTO NA SOCIEDADE LOCAL



Militares britânicos a assistir a tourada de praça
1943-1946

«A chegada de contingentes britânicos à Terceira foi marcada por uma fase de novidades e mudanças aos níveis económico, social e cultural dos terceirenses. Estimulou o pequeno comércio local. Proliferaram os restaurantes, deu-se o aumento do consumo de bens alimentares o que levou à criação de um organismo regulador, que centralizava o serviço de compras para os novos consumidores estrangeiros, procurando evitar uma alta de preços que castigaria o consumidor local. O impacto sociocultural das presenças militares estrangeiras começou, logo no tempo da guerra, com uma libertação sexual ostensiva, que a simples presença de elementos masculinos, jovens e desinibidos, explicava e que aliás começara por razões semelhantes, com a anterior vinda de expedicionários do continente português. Na Terceira, a prostituição, ao tempo não proibida e sujeita a controlo sanitário, precisou de ser regulamentada, e o seu acesso repartido, conforme os dias da semana, pelas três nacionalidades presentes em termos de forças armadas. Mas o amor lícito e abençoado conheceu também novas oportunidades, e os casamentos internacionais (e bi-raciais) multiplicaram-se, com o inevitável e desejável passaporte – praticamente sempre norte-americano – para a noiva açoriana. Não se verificou, em qualquer caso, uma mistura entre a comunidade portuguesa residente e a estrangeira. Essas recém-casadas locais assumiam rapidamente os hábitos nacionais do marido e com eles o modo de viver norte-americano, por que geralmente aspiravam.»

Adaptação do texto de Álvaro Monjardino «Açores: 50 anos de presença militar estrangeira»



Um sargento britânico intérprete falando com duas mulheres
lavadeiras - acampamento de tropas britânicas. 1943-1946



Quarto de militar estrangeiro no
acampamento das Lajes decorado
com fotografias de celebridades
femininas da época
1943-1946

Multiplicaram-se as iniciativas que proporcionavam a sã convivência entre locais e estrangeiros. O incentivo ao desporto, mormente futebol e atletismo, que permitiu a realização de jogos, assim como torneios, foi uma constante da presença britânica na ilha Terceira.



Publicidade de jornal num momento em que o consumo de álcool
aumentou drasticamente devido à presença de militares na ilha
Terceira - A Pátria, 9 de outubro de 1944



Carro de combate Morris Light Armoured Car e carro
de bois tradicional - Lajes, janeiro 1944



Militares britânicos a assistir a jogo de futebol
1943-1946

